

VILA FELIZ

um recanto habitado por pessoas e memórias

[*Vila Feliz*: a place inhabited by people and memories]

SOCORRO VELOSO, TEXTOS
ROSANGELA MACHADO, FOTOS

Um museu a céu aberto, construído e mantido por um devoto de santas e santos. Um imenso sítio onde coabitam pessoas, lagartixas, pavões, gatos, cajueiros, mangueiras, coqueiros, pitangueiras. Um laboratório de recuperação e preservação de arte, cultura e memórias. Um misterioso lugar, onde espaço e tempo parecem alterados para quem ali adentra pela primeira vez. De todas essas maneiras é possível descrever a Vila Feliz de Nossa Senhora do Bom Parto, um singularíssimo recanto localizado no distrito de Pium, a 15 quilômetros de Natal (RN).

Seu idealizador é o museólogo e restaurador Hélio de Oliveira, 66, um natalense de intensos olhos verdes, gargalhadas desconcertantes e vasto repertório de boas histórias. Construída num terreno de oito hectares que se espraia até o vale do rio Pium, a partir da Rota do Sol, que dá acesso ao litoral sul potiguar, a Vila Feliz pertence ao Instituto Museu do Homem Missioneiro, criado por Hélio na década de 1990 e formalizado em 2011.



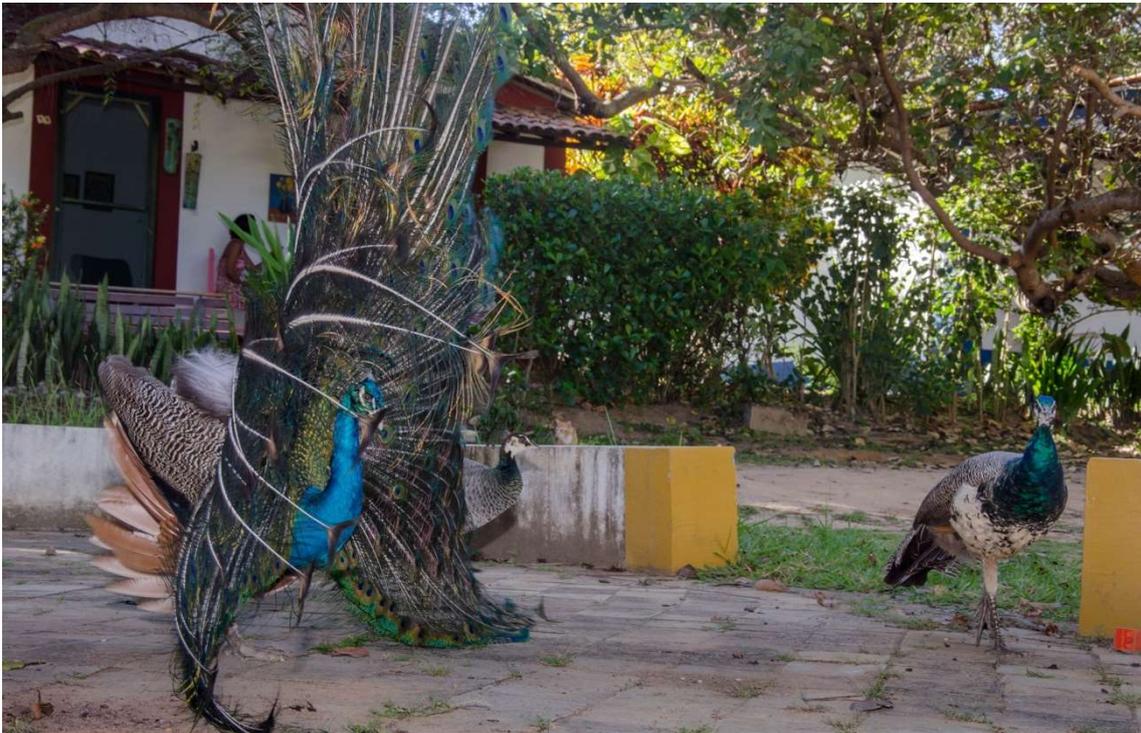
Do portão principal já se avista o grande terreiro cercado por árvores e pequenas casas de alvenaria, com uma capela ao centro. O projeto da Vila Feliz tomou por base os aldeamentos instalados no RN por jesuítas, capuchinhos e outras ordens, entre os séculos XVII e XVIII. Hélio estudou esses aldeamentos por três anos, antes de construir as primeiras casas, em 1995. Todos os detalhes, desde o piso até formato e cores de portas e janelas, são inspirados na arquitetura missioneira.



Funcionário da Fundação José Augusto por mais de duas décadas, Hélio planejou a Vila Feliz como lugar de trabalho e fonte de renda na aposentadoria. A ideia inicial, um hotel-fazenda, logo foi abandonada. As 42 casas construídas ao longo de 23 anos são alugadas. Mas conseguir um imóvel por ali não é tarefa das mais fáceis: há fila de espera. Em razão da procura crescente, em 2014 o museólogo construiu uma segunda vila, a Paraíso, que fica ao lado da primeira e tem 17 casas.



Moradoras tomam café na varanda, aproveitando o clima ameno e a tranquilidade da manhã. Plantas e árvores frondosas amenizam o calor, a qualquer hora do dia. Entre os inquilinos de Hélio há professores, estudantes, aposentados, escritores, artistas e pesquisadores de passagem pela capital potiguar. Não chegam a cem pessoas, que têm em comum o apreço pela vida simples e pelo contato com a natureza.



Os pavões são uma das atrações da Vila Feliz. Já foram meia centena, mas hoje não passam de 12 ou 13, segundo Hélio de Oliveira. Exibidos sempre que a ocasião pede, transitam sem pressa entre casas e árvores, por vezes bicando alguma planta ou hortaliça cultivada pelos moradores. Mas diante de tamanha beleza, quem se incomoda?



A capela da Vila Feliz é dedicada à Nossa Senhora do Bom Parto, santa de devoção de Hélio. Desavisados podem supor que se trata de uma construção antiga, bem conservada, por conta dos traços do barroco ruralista. A capela, no entanto, tem apenas 20 anos. Antigo mesmo é o sino, do século 19. Foi oferecido a Hélio por uma amiga que herdou a peça após o falecimento do pai e conta ter recebido dele, em sonho, a missão de doá-la a uma igreja.



A padroeira da vila está alegremente representada no teto da capela, em pintura concebida por Hélio e por sua irmã, Elba. A execução coube a Francisco Iran, um artista *naif* da cidade de Currais Novos. No altar, ao fundo, está uma pequena imagem da Senhora do Bom Parto, com um Jesus recém-nascido nas mãos. A peça, em madeira, foi esculpida pelo mestre Ambrósio Córdula, de Acari.



Hélio trabalha na restauração de uma imagem em madeira do Senhor Morto, pertencente ao Museu do Homem Missioneiro. O acervo da instituição inclui 1.200 obras artísticas, 1.800 livros – especialmente sobre arte, restauro e iconografia cristã -, e 800 peças de artesanato brasileiro, além de mobiliário e louças. Parte do acervo pode ser vista no ateliê do museólogo.



Mesmo sem formação superior, Hélio pôde estudar por dois anos na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Tinha apenas 28 anos, e foi aceito num curso de especialização em restauro e conservação de bens culturais, em razão dos conhecimentos que já havia acumulado na Fundação José Augusto. Hoje é reconhecido nacionalmente como *expert* na área.



À entrada da vila está instalado o ateliê Santo Ofício, onde Hélio, a irmã Elba e um jovem aprendiz, Daniel, trabalham quase todos os dias. Pela oficina já passaram mais de 1.100 peças, incluindo as imagens de Nossa Senhora da Apresentação, padroeira de Natal, e de Sant’Ana, padroeira de Caicó. Quando questionado sobre o significado da vila-museu para sua vida, Hélio resume: “A Vila Feliz é um grande brinquedo para mim. E sou feito aquele menino que quer brincar até dizer basta”.

....

SOBRE AS AUTORAS:

SOCORRO VELOSO é jornalista e professora associada do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: socorroveloso@uol.com.br

ROSÂNGELA MACHADO é empresária e fotógrafa amadora. E-mail: rmmelo@hotmail.com

Datas das fotos e da entrevista:

08/09/2018

Equipamento utilizado:

Nikon 5.100, lente 18.105

Tratamento:

Software Lightroom 5